

Pedagogia decolonial SULeada e Educação a distância: um diálogo possível?

SULeada decolonial pedagogy and distance education: a possible dialogue?

Cleder Tadeu Antão da Silva¹
Alecir Francisco de Carvalho²
Walesson Gomes da Silva³

RESUMO

O presente artigo busca posicionar o debate acerca do pensamento decolonial com o campo da Educação a Distância, a partir das contribuições da Pedagogia Decolonial, Interculturalidade e Educação Popular, com vistas a oferecer novos rumos para modalidade no Brasil e na América Latina. O texto é uma iniciativa de colaborar com o debate em questão e conta com os aportes teóricos de Vera Candau, Paulo Freire, Catherine Walsh, entre outros autores, no intuito de vislumbrar possibilidades efetivas de aproximação entre a EaD e os pressupostos ligados à Educação Decolonial, nos âmbitos ontológicos, epistemológicos e econômico-político-ideológicos.

Palavras-Chave: Pedagogia Decolonial; Interculturalidade; Educação a Distância

ABSTRACT

This article seeks to position the debate about decolonial thinking with the field of Distance Education, based on the contributions of Decolonial Pedagogy, Interculturality and Popular Education, with a view to offering new directions for this modality in Brazil and Latin America. The text is an initiative to collaborate with the debate in question and has the theoretical contributions of Vera Candau, Paulo Freire, Catherine Walsh, among other authors, in order to glimpse effective possibilities of approximation between DE and the assumptions linked to Decolonial Education. , in the ontological, epistemological and economic-political-ideological spheres.

Keywords: Decolonial Pedagogy; Interculturality; Distance Education

¹ Doutorando em Educação – FaE/UFMG. Mestre em Educação Tecnológica, Especialista em Educação, Comunicação e Tecnologia. Pedagogo, Professor e Pesquisador em Educação. IFMG. E-mail. tadeuuemg@gmail.com

² Doutorado e Mestrado em Design. Mestrado em Ciências Ambientais, possui Pós-graduação Lato Sensu em Educação Ambiental, Bacharel em Design. É Professor Pesquisador da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (ED/UEMG/CBH) onde desenvolve pesquisas e projetos relacionados aos campos do Design, Educação e Tecnologias. E-mail: alecircarlovalho@gmail.com

³ Doutorado e Mestre em Estudos do Lazer. Professor do Departamento de Educação e Ciências Humanas - UEMG. Email: walessongomes@gmail.com

Introdução

O ideário decolonial é uma corrente de pensamento crítica ou movimento epistemológico capitaneado por autores latino americanos, que em geral estão ligados ao campo das ciências sociais e humanas. Tais autores, como Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Nelson Maldonado Torres, Enrique Dussel, Catherine Walsh, entre outros pesquisadores, buscam promover reflexões sistemáticas, sobretudo, contra o domínio das narrativas hegemônicas de distribuição de poder, nas formas de ser e de produção de saber vinculadas ao enredo da modernidade ocidental.

Iniciado ao final dos anos de 1990 e começo dos anos 2000⁴, por diversos intelectuais latino-americanos, incluindo os autores acima supracitados, o movimento que deu origem ao pensamento decolonial, tem buscado compreender as relações dominantes, instituídas historicamente nas sociedades, com especial atenção para as ontologias, epistemologias e processos econômico-político-ideológicos do hemisfério sul.

Os estudos desenvolvidos pelos autores revelam, que tal dominação iniciada no período caracterizado pelos processos de colonização, não se deram por terminados, isto é, não cessaram de ocorrer, mas pelo contrário, permaneceram e permanecem até os dias de hoje. Eles podem ser observados nos âmbitos da formação/negação de identidades, na centralidade de algumas epistemologias e nas práticas de dominação/dependência econômica e política entre nações hegemônicas e subalternas – onde o núcleo predominante continua sendo o hemisfério norte, especialmente, o continente europeu.

A corrente decolonial, ao focalizar a hegemonia instituída em torno da modernidade, acrescenta, por assim dizer, o elemento adicional da colonialidade ao debate, que pode ser entendida como formas persistentes de dominação, que impactam diretamente os planos do ser, do saber e do poder das nações que se localizam fora do eixo europeu ocidental predominante. A decolonialidade visa, portanto, fundar uma espécie de nova epistemologia, uma tentativa de ruptura, um exercício de resistência dos países latino-americanos, contra o domínio e a influência estratégica das nações hegemônicas aqui identificadas.

A nova epistemologia filiada ao pensamento decolonial provoca um efervescente caminho no âmbito da produção de conhecimentos, saberes e investigações acadêmicas. Dentre estes caminhos, destaca-se o advento de um novo campo de estudos e pesquisas, a denominado de Pedagogia Decolonial. Com base nas ideias de Catherine Walsh, o presente artigo buscará estabelecer aproximações entre as contribuições dos estudos decoloniais para o campo da educação, particularmente, promovendo uma interlocução entre a Pedagogia Decolonial e a Educação a Distância (EaD).

Para tal, e como forma de enriquecimento da abordagem em questão, utilizar-se-á das ideias e contributos da pesquisadora brasileira Vera Candau, com relação às suas pesquisas desenvolvidas no Brasil acerca da temática sobre Interculturalidade e Educação, identificando possíveis pontos de contato com a temática do artigo.

Cabe ressaltar, que o presente trabalho é uma tentativa, ainda que modesta, de posicionar a Educação a Distância no âmbito dos estudos decoloniais, em especial, em interlocução com a Pedagogia Decolonial e a Interculturalidade. Neste particular, o texto não tem a pretensão de esgotar o tema e as categorias aqui desenvolvidas, mas, pelo contrário, objetiva somente dar um pontapé inicial acerca desta importante e instigante debate de natureza teórico-epistemológica.

⁴ Segundo Vera Candau (2010), o grupo Modernidade/Colonialidade tem desenvolvido extensão produção na América Latina. Formado por intelectuais dos diferentes países do continente, o grupo tem buscado constituir um projeto epistemológico, ético e político, a partir de uma crítica à modernidade ocidental em seus postulados históricos, sociológicos e filosóficos. Para mais, ver Candau, Vera. Pedagogia decolonial e a educação anti-racista e intercultural no Brasil. Educação em Revista, v. 26, 2010, p. 15-40.

Isso posto, podemos orientar o leitor sobre a estrutura que se seguirá. Primeiramente será apresentada uma breve contextualização histórica da EaD e sua filiação a epistemológica com o ocidente. Será ainda discutido, como a Educação e a Pedagogia se constituem como criações modernas instituídas em torno do pensamento hegemônico racional iluminista. A seguir se posiciona as contribuições da Pedagogia Decolonial para o campo da Educação na América Latina, sobretudo, a partir da perspectiva da Interculturalidade, em estrita interlocução com a Educação Popular, em torno, principalmente, do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire.

Por fim, se apresenta as ideias de Cultura em Rede em interação com as novas infraestruturas tecnológicas, dentro de uma lógica de rompimento com o estatuto do saber moderno. O texto busca identificar os avanços que a EaD pode provocar na perspectiva de uma ruptura com a colonialidade, especialmente, no âmbito das identidades e novas formas de saber possíveis, a partir, particularmente, dos novos contextos de ensino e aprendizagem de base técnica, fruto da EaD contemporânea, caracterizada por não demarcar domínios territoriais específicos.

Ao final da abordagem, se chama atenção para as perspectivas e para os limites postos para a Educação a Distância, no âmbito das relações de poder. Por mais paradoxal que isso possa parecer, a EaD ainda se constrói num contexto onde a tecnologia é fator determinante na organização de propostas pedagógicas de formação. Neste sentido, a produção, o acesso e as infraestruturas tecnológicas disponíveis entre diferentes nações, continentes e regiões ainda são marcados por uma desigualdade concreta, o que impacta sem dúvida alguma, no desenvolvimento desta modalidade, exigindo uma nova tomada de posição por parte dos países da América Latina.

Breve contextualização histórica da EaD: filiação à modernidade ocidental?

A Educação a Distância, como modalidade educacional tem experimentando um enorme crescimento, sobretudo, nos últimos anos, tanto no Brasil, quanto em outros países latino-americanos. Neste sentido, a EaD tem apresentado uma transformação revolucionária em suas políticas e práticas pedagógicas, pois no atual contexto educacional, existe um movimento de transição e integração de propostas formativas, que busquem não só equilibrar as modalidades presencial e a distância, mas também expandir as ofertas ligadas à EaD.

Isso se deve ao potencial de atendimento da EaD no âmbito dos processos de democratização e acesso à educação, nos mais diversos níveis de ensino, particularmente, pelas possibilidades abertas nos campos da infraestrutura tecnológica e comunicacional que lhe servem de base.

No Brasil, do ponto de vista da definição dessa modalidade, pode-se compreender a EaD como:

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017, p. 01).

Do ponto de vista histórico, porém, a EaD carrega uma filiação epistemológica com os pressupostos ocidentais, com destaque para a influencia moderna, que proporcionou um

campo fértil para o início de sua institucionalização. Suas origens remetem aos progressos tecnológicos e comunicacionais, que se vinculam ainda à Grécia antiga, devido, sobretudo, ao desenvolvimento das práticas de correspondência. Sua utilização como método de ensino, no entanto, está estreitamente ligada a herança norte-americana, ainda no século XVIII, no bojo da efervescência marcada pelas transformações advindas dos processos de organização social vinculadas à modernidade.

A este respeito Silva e Ferreira (2018) salientam:

A evolução das tecnologias utilizadas na educação a distância, são vinculadas a evolução dos meios de comunicação. Iniciando na Grécia e depois em Roma, existia uma rede de comunicação permitindo o desenvolvimento significativo da correspondência. As cartas comunicavam informações científicas e inauguraram uma nova era na arte de ensinar, seu primeiro marco da educação a distância, foi o anúncio publicado na Gazeta de Boston, no dia 20 de março de 1728 [...]. (Silva e Ferreira, 2018, p. 02).

Cabe ressaltar, que esta filiação da Educação a Distância está entrelaçada com as origens do próprio processo de institucionalização da Educação e da Pedagogia. Em geral, processos de formação institucionalizados que desembocaram na escolarização da população, normalmente são reconhecidos como processos estritamente vinculados à ideia moderna de educar, nos tempos da industrialização capitalista, do ideário iluminista e das narrativas ocidentais de racionalização e civilização. Libâneo ao desenvolver uma discussão profunda sobre o lugar da Educação, da Pedagogia e da Escola na Modernidade, a partir da crítica pós-moderna, revela que:

[...] o ideário pedagógico atual, na versa o tradicional, renovada ou crítica, é legítimo herdeiro da modernidade, especialmente na sua crença do poder da educação como meio de desenvolvimento da razão para inserção do indivíduo na vida social. Numeroso contingente de educadores, de forma elaborada ou não, assenta sua prática pedagógica-docente nesses ideais: poder da razão no processo formativo, domínio humano sobre a natureza, desenvolvimento contínuo na história pela ação humana, progresso da ciência, capacidade do homem de gerir seu próprio destino, de ter auto-domínio, de pensar criticamente, de comprometer-se com o destino da história conforme suas crenças [...]. (Libâneo, 2002, p. 185).

A crítica pós-moderna neste particular, apresenta aproximações com o pensamento decolonial, no sentido de provocar um rompimento com a centralidade da modernidade, enquanto forma de pensamento universal e hegemônico. Deste modo, assim como a Educação, a Pedagogia e a Escola são produtos modernos, a Educação a Distância também se filia historicamente aos aportes da racionalidade ocidental, do iluminismo e de uma hegemonia eurosaxã. A EaD emerge em um contexto da expansão da capacidade de formar e educar a população, por meio dos processos de escolarização, com auxílio, sobretudo, das inovações nos campos da comunicação e de intensa disseminação das mídias de massa.

Neste âmbito relativizar tais dimensões institucionais vinculadas à modernidade, significa colocar em xeque as próprias ideias de Educação (incluindo a Educação a Distância), a Pedagogia e a Escola/Escolarização. Diante deste raciocínio, Libâneo novamente é esclarecedor ao analisar a crítica dirigida ao pensamento instituído em torno do enredo moderno: “Neste sentido, a crítica dos princípios do modernismo equivale a colocar em questão as próprias bases da nossa história cultural, da Pedagogia e da escolarização formal” (Libâneo, 2002, p. 185).

A seguir, se buscará apresentar as aproximações entre a Educação e o pensamento decolonial, a partir das contribuições da Pedagogia Decolonial, com base nas ideias da pesquisadora Catherine Walsh.

Educação e Pedagogia Decolonial

Como se discutiu anteriormente, a educação enquanto processo institucionalizado coloca-se como projeto da modernidade, no âmbito da escolarização da população, em um enredo que se encaixa no ideário da civilização ocidental, profundamente marcado pelo caráter de racionalização dos novos tempos sociais. Como se apregoou, a Pedagogia, a Escola e posteriormente à própria Educação a Distância são parte deste panorama até aqui delineado.

Neste particular, a educação carrega, por assim dizer, elementos de colonialidade em sua natureza, que ao moldar, formar e formatar sujeitos dentro de um ideário específico vinculado ao projeto da modernidade trata de instituir no bojo das práticas educativas, processos sistemáticos de dominação. Com isso, se impõem algumas formas identitárias que invisibilizam outras identidades, legitimam relações de poder, como se estas assumissem um caráter de naturalidade das coisas e cristalizam formas de saber hegemônicas, em nome da racionalização científica ocidental destituindo, subordinando e silenciando outros conhecimentos e saberes como exóticos, de menor valor e/ou inválidos.

Por outro lado, não é correto imaginar, que durante as últimas décadas, não houve atitudes de resistência e luta contra este tipo de ordem ou status quo vigente. É exatamente nesta fronteira, que Catherine Walsh irá posicionar as conexões e possíveis aproximações entre a Educação e o pensamento decolonial. Para esta autora:

Desde luego, fue con la invasión colonial-imperial de estas tierras de Abya Yala —las que fueron renombradas “América” por los invasores como acto político, epistémico, colonial— que este enlace empezó tomar forma y sentido. Se podía observar claramente en las estrategias, prácticas y metodologías —las pedagogías— de lucha, rebeldía, cimarronaje, insurgencia, organización y acción que los pueblos originarios primero, y luego los africanos y las africanas secuestradxs³, emplearon para resistir, transgredir y subvertir la dominación, para seguir siendo, sintiendo, haciendo, pensando y viviendo —decolonialmente— a pesar del poder colonial.

Es a partir de este horizonte histórico de larga duración, que lo pedagógico y lo decolonial adquieren su razón y sentido político, social, cultural y existencial, como apuestas accionales fuertemente arraigadas a la vida misma y, por ende, a las memorias colectivas que los pueblos indígenas y afrodescendientes han venido manteniendo como parte de su existencia y ser. (Walsh, 2012, p. 25).

Segundo Walsh, esta trajetória de resistência e luta dos povos latino-americanos, especialmente, contra o poder colonial, que não custa lembrar, também se utiliza da educação como ferramenta de dominação ontológica e epistemológica pode favorecer novas formas de pedagogia, ou o que a autora denomina de universo da Pedagogia Decolonial. Estas novas pedagogias seriam formas concretas de desafiar a Pedagogia Moderna, ocidental e europeia, que também povoa os pressupostos e os elementos constitutivos da Educação a Distância.

Walsh oferece o coro esclarecedor acerca do interesse de uma Pedagogia Decolonial:

Su interés es con las prácticas que abren caminos y condiciones radicalmente “otros” de pensamiento, re- e in-surgimiento, levantamiento y edificación, prácticas entendidas pedagógicamente —prácticas como pedagogías— que a la vez, hacen cuestionar y desafiar la razón única de la modernidad

occidental y el poder colonial aún presente, desenganchándose de ella. Pedagogías que animan el pensar desde y con genealogías, racionalidades, conocimientos, prácticas y sistemas civilizatorios y de vivir distintos. Pedagogías que incitan posibilidades de estar, ser, sentir, existir, hacer, pensar, mirar, escuchar y saber de otro modo, pedagogías enrumadas hacia y ancladas en procesos y proyectos de carácter, horizonte e intento decolonial. (Walsh, 2012, p. 25).

Portanto, Walsh propõe a ideia de uma Pedagogia Decolonial, como campo de conhecimento que integre uma luta social, política, ontológica e epistêmica, com vistas à libertação das amarras da dominação que a Educação, a Pedagogia e a Escola historicamente foram submetidas pela condição moderna. A seguir, se apresentará a perspectiva da Interculturalidade, a partir das ideias da pesquisadora brasileira Vera Candau, como uma vertente da Pedagogia Decolonial, de maneira a aproximar tal concepção, como estratégia concreta de exercício de decolonialidade na esfera da Educação a Distância, vislumbrando abrir novos horizontes para o campo em questão.

A Interculturalidade no contexto da Pedagogia Decolonial

A Interculturalidade se coloca como um tema atual, onde diferentes grupos socioculturais, nos mais diversos países e regiões, se manifestam na busca de afirmação e reivindicação, não só no plano de direitos, espaços e visibilidade, mas, especialmente, pela via de movimentos sociais sistematicamente organizados. Tais grupos visam denunciar a problemática da injustiça e desigualdade dos coletivos de diferentes naturezas, étnica, envolvendo relações de gênero, orientação sexual e posição religiosa, entre outras marcas reunidas em torno da (in) diferença.

Para (Candau, 2010), a manifestação destes grupos busca, portanto, um sentido de reconhecimento dos processos complexos de construção histórica, política e cultural, que marcaram a negação de algumas identidades, em detrimento de outras, tanto de um ponto de vista físico, quanto simbólico. Segundo a pesquisadora brasileira, a perspectiva intercultural é uma bandeira de luta dinâmica social e política da América Latina, que traz para o centro do debate processos de a redistribuição e justiça culturais.

Neste sentido, a Interculturalidade tem pretensões audaciosas e abrangentes, tendo em vista que a mesma:

[...] não é compreendida somente como um conceito ou termo novo para referir-se ao simples contato entre o ocidente e outras civilizações, mas como algo inserido numa configuração conceitual que propõe um giro epistêmico capaz de produzir novos conhecimentos e uma outra compreensão simbólica do mundo, sem perder de vista a colonialidade do poder, do saber e do ser. A interculturalidade concebida nesta perspectiva representa a construção de um novo espaço epistemológico que inclui os conhecimentos subalternizados e os ocidentais, numa relação tensa, crítica e mais igualitária [...] (Candau, 2010, p. 11).

Candau, a partir das ideias de Catherine Walsh apresenta caminhos possíveis para que a Interculturalidade possa se efetivar também no plano educacional, que autora denomina de Educação Intercultural. Neste sentido, a Educação Intercultural poderia se constituir por meio de:

- Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade.

- Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença.
- Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados.
- Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade.
- Uma meta a alcançar. (Candau, 2010, p.11 apud Walsh, 2001, p.10-11).

Candau, ao aprofundar o debate acerca da Educação Intercultural, inclui as experiências da Educação Popular como um ideário pedagógico que estabeleceu de maneira intrínseca, a relação entre os contextos socioculturais dos sujeitos e os processos educativos. Se valendo do pensamento de Paulo Freire, a autora busca demonstrar que a valorização do universo cultural defendido pelo educador brasileiro, ainda nos anos de 1960, representou uma contribuição inequívoca para a Educação Intercultural, isto é, uma Pedagogia “Decolonial” da resistência, apontado por Walsh em seus estudos. Assim:

Pelo reconhecimento da relevância da dimensão cultural nas relações pedagógicas e pelo método dialógico que propõe implementar nos processos educativos, pode-se considerar que o pensamento de Paulo Freire já adiantava aspectos importantes do que hoje se configura como a perspectiva intercultural na educação. (Candau, 2010, p.162).

Para Candau, a pedagogia freireana apresenta uma essência decolonial não só no âmbito de sua proposta de lidar com as diferenças, mas na forma de empoderar classes sociais subalternas, isto é, dando protagonismo aos atores dos processos de aprendizagem, especialmente, no âmbito do desenvolvimento das ações educativas, pois:

O reconhecimento da legitimidade do background cultural do analfabeto não era, para Paulo Freire, uma mera estratégia metodológica. Trazia no seu bojo um modo de lidar com a diferença cultural. Mais do que um respeito distante e asséptico por essa diferença, enfatiza-se e estimula-se a troca entre os sujeitos e os saberes presentes nas relações pedagógicas. Objetivava também o empowerment desse adulto, sempre em um sentido explicitamente referido às classes sociais subalternizadas e excluídas. (Candau, 2010, p.161).

No próximo tópico a seguir, se buscará a partir dos contributos da condição pós-moderna, da cultura em rede e das aproximações entre tecnologia e pensamento decolonial desenvolver algumas aproximações iniciais com a Educação a Distância, com vistas a posicionar a temática no âmbito dos estudos sobre Decolonialidade e Educação.

Infraestruturas tecnológicas como lógica de rompimento da epistemologia moderna: uma tentativa de aproximação entre Educação a Distância e Educação Decolonial

Jean François Lyotard em sua obra “A Condição Pós-Moderna” desenvolve uma incursão teórica, a partir da assertiva, de que a partir dos anos de 1950 e 1960, as sociedades começam a experimentar uma mudança importante no estatuto do saber, que até então era predominantemente organizada sob a égide da metanarrativa da modernidade.

Apesar de Lyotard ter como ponto de partida a Europa, sem incursão alguma ao pensamento decolonial, ele parece concordar com a necessidade de se relativizar as unidades de legitimação das formas de conhecimento modernas, que sob a retórica da racionalidade e das pretensões de universalidade são tidas como válidas e hegemônicas.

Para Lyotard (2009):

Originalmente, a ciência entra em conflito com os relatos. Do ponto de vista de seus próprios critérios, a maior parte destes últimos revelam-se como fábulas. Mas na medida que não se limite a enunciar regularidades úteis e que busque verdadeiro, deve legitimar suas regras do jogo. Assim exerce sobre seu próprio estatuto um discurso de legitimação [...] É assim, por exemplo, que a regra do consenso entre o remetente e o destinatário de um enunciado com valor de verdade será tida como aceitável, se ela se inscreve na perspectiva de uma unanimidade possível de mentalidades racionais: foi este o relato das Luzes, onde o herói do saber trabalha por um bom fim ético-político, a paz universal. (Lyotard, 2009. p. 15-16).

[...] considera-se pós-moderna a incredulidade em relação aos metarrelatos. É sem dúvida, um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. (Lyotard, 2009. p. 16).

Para Lyotard, a transformação em curso – o que ele denomina de condição pós-moderna – inicia-se a partir, especialmente, da segunda metade do século XX, no bojo do contexto do Pós-Industrialismo. A mudança é marcada pela substituição da lógica de formação do espírito do indivíduo moderno por um novo estatuto de saber, estruturado em torno de bases atualizadas, as tecnologias e suportes inovadores de informação, que rompem profundamente com as práticas e processos de acesso ao conhecimento.

Se sob a lógica da condição moderna, os indivíduos se submetiam aos processos de interiorização de saberes, por intermediação da educação e da escola, dando um sentido, valor e uso ao conhecimento racional, em função de seu pragmatismo e adaptabilidade para a vida social civilizada. Porém, a condição pós-moderna, tende a provocar uma rachadura neste tradicional enredo.

A condição pós-moderna, diz Lyotard, promove o protagonismo da informática e suas tecnologias ocasionando novas formas de produzir e acessar o conhecimento, fenômeno este denominado pelo autor de uma explosiva exteriorização do saber. Se o conhecimento de base moderna se dava dentro de uma ótica de completude e sob a “patente” da educação formal envolvendo a escola e a universidade, a sensação agora é de uma absoluta incompletude, uma ameaça de deslegitimação dos agentes vigentes.

Assim, informação e conhecimento começam a ser profundamente dependentes das infraestruturas tecnológicas, o que exige alterações no âmbito das formas historicamente cristalizadas de educar, com fortes e importantes repercussões para a Pedagogia e para os sistemas de ensino.

Lyotard esclarece:

Nossa hipótese de trabalho é de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna. [...] O saber científico é uma espécie de discurso. Ora pode-se dizer que há quarenta anos as ciências e as técnicas ditas de vanguarda versam sobre a linguagem: a fonologia e as teorias lingüísticas, os problemas da comunicação e a cibernética, as matemáticas modernas e a informática, os computadores e suas linguagens [...] (LYOTARD, 2009, p. 03).

Parece que a incidência destas informações tecnológicas sobre o saber deva ser considerável. Ele é ou será afetado em suas duas principais funções: a pesquisa e a transmissão de conhecimentos. [...] Nesta transformação geral, a natureza do saber não permanece intacta. Ele não pode se submeter aos novos canais, e tornar-se operacional a não ser que o conhecimento possa ser traduzido em quantidades de informação. [...] As pesquisas versando sobre estas máquinas intérpretes já estão adiantadas. Com a hegemonia da informática, impõem-se uma certa lógica e, por conseguinte, um conjunto de prescrições que versam sobre os enunciados aceitos como “de saber”. (LYOTARD, 2009, p. 04).

A abertura provocada por esta mudança de estatuto do saber, de que fala Lyotard na esfera da condição pós-moderna, parece ter propiciado espaços férteis para promover reflexões em torno do papel que as infraestruturas tecnológicas poderão ter para as novas formas relacionadas à Educação a Distância, em diálogo intrínseco com o pensamento decolonial.

Do ponto de vista tecnológico, as bases de comunicação e informação tem propiciado a formação de novos grupos culturais de natureza global, uma Cultura em Rede mediada por estas infraestruturas tecnológicas, que não privilegia nos planos ontológico e epistemológico a hierarquização, a subalternidade ou a dominação em torno dos elementos geopolíticos tradicionais, elementos estes, muitas vezes característicos da racionalidade ocidental moderna.

Castells, no prólogo de seu livro “A Sociedade em Rede” busca demonstrar as diferenças advindas da moderna e racional revolução industrial, em comparação à revolução informacional:

De sua origem na Europa Ocidental, a Revolução Industrial estendeu-se para a maior parte do globo durante os dois séculos seguintes. Mas sua expansão seletiva, e seu ritmo, bastante lento pelos padrões atuais de difusão tecnológica. [...] Além disso, seu alcance planetário nas décadas seguintes teve, com bastante frequência, um caráter de dominação colonial, seja na Índia sob o Império Britânico, na América Latina sob a dependência comercial/industrial da Inglaterra e dos EUA, no desmembramento da África mediante o tratado de Berlim, ou na abertura do Japão e da China para o comércio exterior pelas armas dos navios ocidentais. Ao contrário, as novas tecnologias da informação difundiram-se pelo globo com a velocidade da luz em menos de duas décadas, entre meados dos anos de 1970 e 1990, por meio de uma lógica que, ao meu ver, é a característica dessa revolução tecnológica: aplicação imediata do próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, conectando o mundo através da tecnologia da informação. (Castells, 2016, p. 89-90).

Para Castells, a formação das sociedades informacionais carrega consigo um caráter bem mais descontínuo, pois:

[...] O fato de países e regiões apresentarem diferenças quanto ao momento oportuno de dotarem seu povo do acesso ao poder da tecnologia representa

fonte crucial de desigualdade em nossa sociedade. As áreas desconectadas são cultural e espacialmente descontínuas: estão na inner cities dos EUA nos banlieues da França, assim como nas favelas africanas e nas áreas rurais carentes chinesas e indianas. Mas atividades, grupos sociais e territórios dominantes por todo o globo estão conectados, na aurora do século XXI, em um novo sistema tecnológico que, como tal, começou a tomar forma somente na década de 1970. (Castells, 2016, p. 90).

A descontinuidade revelada por Castells permitiria um desenvolvimento ainda que difuso das infraestruturas tecnológicas pelo globo, inclusive na América Latina. A este respeito, (Costa e Martins, 2018), ao identificarem as contribuições do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto acerca de suas análises sobre tecnologia, em aproximação com o pensamento decolonial, afirmam que as tecnologias gestadas nos países centrais carregam em si expedientes ideológicos que visam manter os países oprimidos na condição de consumidores passivos da produção, intelectual e técnica. (Costa e Martins, 2018, p. 16).

Segundo Costa e Martins, Álvaro Vieira Pinto desnuda a ideologia implícita na concepção de que a modernização tecnológica é a principal responsável pela superação do subdesenvolvimento, conduzindo as inteligências das nações periféricas a absorverem produções técnicas de nações hegemônicas. Vieira Pinto realiza uma discussão pertinente para a conscientização e superação da falácia desenvolvimentista, na defesa da superação do subdesenvolvimento pela mudança da qualidade dos processos de incremento técnico, isto é, pela rejeição da assimilação passiva dos produtos oriundos dos países desenvolvidos, que carregam diferentes traços ideológicos (Costa e Martins, 2018).

Será que a Educação a Distância poderia ser constituir em um campo de resistência das nações da América Latina contra a dominação tecnológica de que fala Álvaro Vieira Pinto?

O descontinuísmo da Revolução Informacional pontuada por Castells é um caminho factível para que a EaD se coloque como alternativa das nações latino-americanas no plano de uma Educação Intercultural pela via da Cultura em Rede?

Teria a EaD potencial para se revelar como uma área estruturante dos países do hemisfério sul na produção de conhecimentos plurais, originais e complexos alinhados ao novo estatuto do saber da Condição Pós-Moderna de que apregoa Lyotard?

Será discutido em seguida, a partir de alguns pontos de contato entre a EaD e o debate sobre decolonialidade as possibilidades de diálogo entre a modalidade e as teorias aqui demarcadas. Neste particular, do ponto de vista pedagógico serão recuperados os pressupostos da Educação Popular de Paulo Freire, a Pedagogia Decolonial de Catherine Walsh e a Educação Intercultural de Vera Candau à luz da Condição Pós-moderna de J. François Lyotard, da Revolução Informacional e Cultura em Rede de Manuel Castells e do papel da tecnologia nos contextos de superação do subdesenvolvimento de Álvaro Vieira Pinto, no âmbito de uma análise eminentemente sóciotécnica.

Uma digressão acerca de uma Educação a Distância Decolonial e Intercultural: desvendando caminhos possíveis?

O presente artigo buscou identificar as interlocuções possíveis entre o pensamento decolonial e a Educação a Distância. Para tal, procurou-se desenvolver certos apontamentos sobre os

dois campos em questão, para posteriormente, sob as bases de algumas concepções teóricas contemporâneas, promover a aproximação entre as temáticas em análise.

Partiu-se, portanto, dos pressupostos defendidos por Lyotard (2009), no plano epistemológico, isto é, nas questões que envolvem a produção de saber⁵, para demonstrar como a transição dos processos de interiorização do conhecimento racional, vinculados a herança da Modernidade tendo como centro a institucionalização da educação e da escola, favoreceria a Educação a Distância em contextos de exteriorização do saber, de base tecnológica, num plano de uma Condição Pós-Moderna.

A defesa aqui, é que a ruptura provocada pela mudança de estatuto do saber anteriormente caracterizada por uma espécie de imposição da institucionalização da escola e universidade, como formas exclusivas de acesso ao conhecimento, abririam novas oportunidades de aprendizagem e construção de saberes, que poderiam não seguir os critérios fechados de legitimação institucional dos estabelecimentos oficiais de educação moderna, de que menciona Lyotard. Este parece ser um ponto importante de contato com o pensamento decolonial, no âmbito da diversificação de formas novas e alternativas de conhecimento, sustentados em torno das inovações tecnológicas, mas também é um terreno absolutamente fértil para os caminhos a serem trilhados pela Educação a Distância, profundamente caracterizada pela abertura, e pela flexibilidade e pela multiplicidade de modelos pedagógicos.

Além disso, este premente potencial que favorece a autonomia da aprendizagem na EaD, mediante práticas de co-autoria, cooperação e compartilhamento de saberes e conhecimentos, carrega um ponto de convergência importante com a Educação Popular, que é uma das interfaces da Educação Intercultural e da Pedagogia Decolonial. Se a educação popular de Paulo Freire sustentou a primazia de um empoderamento do estudante e a valorização de sua cultura como elemento constituinte fundamental dos processos de aprendizagem, na EaD de forma semelhante tem se apregoado a autonomia do aprendiz e seu protagonismo como co-responsável dos processos de apropriação de conhecimentos, em torno dos processos cada vez mais coletivos de colaboração e interação. Tais aspectos tem sido entendidos como fundamentais para as ações de formação no âmbito desta modalidade educacional, numa espécie de *EaD colaborativa*.

Assim como Lyotard oferece contribuições na esfera das relações com o saber, o artigo buscou mostrar que Castells (2016)⁶, ao tratar da Revolução Informacional experimentada pelas diversas nações, em todo mundo, inclusive na América Latina, oferece-nos caminhos fecundos em um plano ontológico, no que se refere às relações estabelecidas do ser⁷, a partir das novas práticas constituídas em torno de uma Cultura em Rede, assentadas, principalmente, em torno das atuais infraestruturas tecnológicas.

A incursão de Castells, também aponta para um favorecimento da EaD, em contextos de protagonismo de diferentes grupos culturais e indivíduos, que constroem novas formas de pensar, agir e interagir no universo das redes de comunicação, o que Pierre Lévy denominou de Cibercultura⁸. Estas novas formas não só impactam as práticas pedagógicas

⁵ Um das preocupações do movimento decolonial ao analisar os aspectos da modernidade/colonialidade se coloca no plano das relações de dominação envolvendo o saber e os conhecimentos válidos tidos como legítimos e detrimento dos conhecimentos outros, inválidos e de menor valor.

⁶ No prólogo "A Rede e o Ser" da obra Sociedade em Rede, Manuel Castells procura demonstrar como as redes oriundas da atual revolução informacional tem influenciado, em diferentes dimensões, as identidades do ser na contemporaneidade. Para mais, ver Castells. Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 17. Ed. 2016.

⁷ Um das preocupações do movimento decolonial ao analisar os aspectos da modernidade/colonialidade se coloca no plano das relações de dominação envolvendo o ser e as identidades. Povos e culturas hegemônicas que se impõe sobre os diversos povos e sujeitos, os sujeitos "outros".

⁸ Segundo Pierre Lévy, a Cibercultura é um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Para o autor, o ciberespaço pode ser entendido como a rede que conecta mundialmente computadores, isto é, a internet. Para mais, ver Lévy. Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 3. Ed. 2010.

desenvolvidas na Educação a Distância, mas a própria modalidade tem colaborado diretamente para fomentá-las, pela intermediação nos novos canais interativos, ambientes virtuais de ensino, objetos de aprendizagem, redes sociais, recursos educacionais abertos, entre outras tecnologias.

Essa mutação ontológica, no âmbito dos grupos e indivíduos carregam pontos de diálogo com o pensamento decolonial, no âmbito da Interculturalidade de que nos fala Candau (2010). A Educação e os recursos supracitados acima são pontes que canalizam intervenções coletivas, que mobilizam interesses comuns e que proporcionam a difusão de diferentes vozes, que também se materializam numa esfera da resistência e luta.

Neste sentido, o movimento que se segue na rede, alimentando e instituindo uma Cibercultura, também exige reconhecimento, também é sedento por espaços de participação coletiva, mas continuam sendo recorrentemente alvo de incompreensões, de preconceitos e discriminações, uma cultura tida como não sendo legítima e que ainda muitas vezes não é levada a sério.

Por fim, no bojo das análises de Lyortard e Castells, o trabalho aqui exposto, recorreu-se a (Costa e Martins, 2018), que com base nas ideias de Álvaro Vieira Pinto, posicionam o debate desenvolvido pelo filósofo brasileiro acerca da problemática da tecnologia, num plano econômico-político-ideológico. (Costa e Martins, 2018) buscam aproximar o pensamento de Vieira Pinto aos estudos sobre decolonialidade, captando as relações de poder⁹ estabelecidas e identificadas pelos encadeamentos entre as nações hegemônicas e os países subdesenvolvidos, no âmbito de seus trabalhos sobre tecnologia.

Vieira Pinto alerta que países dominantes na produção da tecnologia submetem países periféricos ao simples consumo dos artefatos técnicos. Portanto, haveria a necessidade de se estabelecer uma nova relação, onde as nações subalternas possam ter uma atitude que estimule o incremento de infraestruturas tecnológicas, de forma a romper com o processo histórico de dominação, como já se salientou.

Identifica-se aqui na análise de Álvaro Vieira Pinto, um terreno farto de favorecimento da Educação a Distância como instância efetiva de interrupção no plano das relações de poder. Quando Castells (2016) fala de um desenvolvimento descontínuo que é característico das revoluções tecnológicas contemporâneas e estas não se fixam em questões geopolíticas tradicionais, mas envolvem institucionalidades e demandas/posições específicas dos países, regiões e continentes, parece haver nos novos contextos tecnológicos contemporâneos, caminhos reais para uma construção mais equilibrada e homogênea no lido com a dinâmica de produção e consumo de infraestruturas tecnológicas.

Assim, o investimento em Educação a Distância no continente latino-americano pode se constituir em uma área estratégica para o favorecimento de novos contextos de produção de conhecimento/saberes fora da dinâmica tradicional já viciada liderada por países centrais e suas instituições legitimadoras. Assim, o descontínuo da revolução informacional em curso, de que fala Castells, as possibilidades de incremento tecnológico apresentados por Vieira Pinto e as novas tendências de estatuto do saber vislumbradas por Lyortard poderiam dar a EaD estes novos sentidos ontológicos, epistemológicos e políticos desejados alinhados às concepções de uma Pedagogia Decolonial.

Com isso, e numa esfera crítica, a EaD se colocaria como um dos lócus de superação dos atuais ordenamentos de dominação tecnológica, tendo como pano de fundo a América Latina, a interculturalidade e a *EaD colaborativa* em bases Freireanas.

Muitas das ideias apresentadas aqui evidentemente são prematuras e necessitam de melhor amadurecimento. Contudo, o objetivo do artigo foi exatamente uma tentativa, ainda que

⁹ Um das preocupações do movimento decolonial ao analisar os aspectos da modernidade/colonialidade se coloca exatamente no plano das relações de dominação e poder entre povos, culturas, regiões e continentes, especialmente entre hemisfério norte e sul, Europa e América Latina.

preliminar, de aproximar o pensamento decolonial e com a temática da EaD, exercício este, que foi desenvolvido com algumas concepções teóricas contemporâneas, ainda que não totalmente baseadas em perspectivas originais assentadas nas epistemologias do sul.

Ainda sim, entende-se que o texto é uma incursão inicial a esta tarefa. Tem-se, portanto, a convicção que novos estudos serão realizados na mesma direção apresentada até aqui ou mesmo contestando suas premissas. Ainda sim, a intenção do trabalho é fomentar o debate acerca da Educação a Distância e os pressupostos da Decolonialidade, sobretudo, em diálogo com a Pedagogia Decolonial e a Educação Intercultural.

Os desafios são muitos e estão postos, agora é caminhar em direção a refutação ou continuação das provocações feitas até aqui. A trilha é longa e instigante e esperamos termos dado o primeiro passo.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Decreto Federal n. 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9057.htm. Acesso em: 30 jun. 2019.
- CANDAU, Vera. Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan/abr. 2010a.
- CANDAU, Vera. Pedagogia decolonial e a educação anti-racista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, p. 15-40, 2010b.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 17. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016. v. 01.
- COSTA, Breno; MARTINS, Adriano. Álvaro Vieira Pinto e o pensamento decolonial: a questão da colonialidade do saber. In: Colóquio Álvaro Vieira Pinto, 3, 2018, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC/RS, 2018. p. 14-17.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.
- LYOTARD, J. F. **A condição Pós-Moderna**. 12 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- SILVA, Danniela; FERREIRA, Adir. Trajetória da Educação a Distância: do surgimento a educação superior no Brasil. In: Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, 1, 2018, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCAR, 2018. p. 01-11. Disponível em: cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/download/732/269/.
- WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir e (re) vivir. Quito: Catherine Walsh Editora, 2012. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogic3adas-decoloniales-volume-i.pdf>. Acesso em 02 de Julho de 2019.

Recebido em 21/05/19

Aceito em 22/07/19